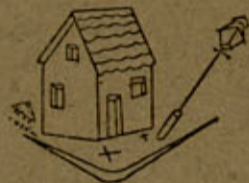


MATINAL

Junto das docas cheira a viagem:
— arômas de algas, de especiarias e de alcatrão...
Sôbre o cais os cordames enrolados,
são tentáculos de polvos monstruosos
mergulhados
e agarrados à margem.

No ar azul, em curva que se esfuma
com a graça dos bailados,
ou aflorando as águas,
deixando um traço de espuma,
um vôo de ave marinha...

Só a faina dos guindastes
mancha a voz de cristal da manhãzinha,
com um berro enorme
a proclamar a força do seu braço;
no espaço,
cantam pregões
e a cidade brilha e dorme...



NOCTURNO

Sobe o frio pela noite tôda nua.
Na rua,
a névoa é um cavalo branco, galopando.
No alto cru,
meditando
se o batalhão das nuvens se descerra,
em seu contínuo desfile,
as estrélas olham a terra.

Recorta-se o perfil
do casario
no céu sombrio...

E eu tenho frio e sonho...

Só alguma janela iluminada
na hora silenciosa e sonolenta
tem os modos de quem espia
a minha solidão na madrugada.

Adormeceu a cidade,
de repente.
E eu que, de dia entre a gente,
de fugida,
não fui mais que uma unidade;
àquela hora componho
a minha vida
E sou eu;
E tenho frio e sonho

HERÓI VENCIDO

Naquele dia,
parti
à hora em que a cidade era saudosa
das vidas que eu viveria
se não me fôra impossível.
Ali,
tudo me prometia
o perdido para sempre
e tudo me era sensível
como se fôsse, de novo;
ou eu visse,
com os olhos da outra gente.

Nesse momento,
de mim mesmo tão diferente,
era o herói conhecido
de um romance concebido
e nunca realizado.

No ar da *gare*,
entre o silvo das partidas,
estava suspenso, parado,
o perfume concentrado
de tôdas as despedidas.

FRANCISCO BUGALHO